A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

ILHA DE S. THOMÉ.—PRAIA

CHRONICA

...quia pulvis es et in pulverem reverteris!

Ha seis dias que a Santa Madre Egreja, sempre solemne e aterradora nos seus vaticinios, despede contra nós este aviso fatidico, derramando sobre a nossa cabeça as cinzas symbolicas do rito. Ha quasi uma semana que este *Memento* terrivel nos traz acobardados e pensativos, dando-nos a triste visão dos cemiterios, fazendo-nos cogitar profundamente no grande problema da vida e da morte, n'essa coisa mysteriosa e indecifravel, cujos segredos ninguem desvendou ainda e que, afinal, se resume n'um pouco de pó, que o vento arrasta sob os cyprestes da necropole sombria.

...-et in pulverem reverteris!

Todos os annos, pelo *caput jejunii*, os santos padres veem repetir-nos esta mesma phrase estafada e bolorenta, para que attentemos bem na instabilidade das coisas mundanas, e façamos, como bons christãos, a penitencia rigorosa do estylo.

O que nos vale é que a acção do tempo encarrega-se sempre d'apagar do nosso espirito a impressão lancinante e dolorosissima deixada por estas palavras sinistras. De contrario, o mundo catholico transformar-se-ia n'um vasto convento de frades franciscanos, entregues á crueza esmagadora dos jejuns e dos cilicios, e desandaria por ahi tudo n'uma choradeira de mil demonios, com medo das penas eternas.

Mal comparado, e *memento* pavoroso da Egreja assemelha-se a um aviso do recebedor do bairro, para cada qual ir pagar, á bocca do cofre, as collectas em divida, com os addicionaes e os dois por cento de sello.

Nos primeiros dias, o misero contribuinte não pensa n'outra coisa; anda ajoujado sob o pezo d'um *cauchemar* horrivel; padece d'insomnias; sente operarem-se estranhos phenomenos no seu organismo combatido. A' medida que o praso prescripto se vae extinguindo rapidamente, vertiginosamente, o pobre diabo vê redobrar o seu supplicio, crescer a sua inquietação, avultar de um modo extraordinario o seu penoso martyrio. Afinal, a moratoria acaba, o desgraçado, que arranjou dinheiro conforme poude, consegue ficar quite com a Fazenda descaroada, e adeus fundos pezares e adeus amofinações dolorosas. Só torna a pensar no caso um anno depois, ao receber novo aviso.

Outro tanto succede com as advertencias dogmaticas da Egreja. Se, durante alguns dias, nos provocam pensamentos graves, o tempo trata logo de passar uma esponja sobre essas cogitações impertinentes, e era uma vez o *pulvis* terrifico da magna sentença ecclesiastica.

Eu devia ter começado por te fallar do Carnaval, que, a despeito das bisnagadas celestes de domingo e terça feira gorda, soprou desalmadamente na sua trombeta de barro, convidando á folia das ruas e dos bailes publicos uma legião endemoninhada de *pierrots* e de *ché-chés*. Mas o que eu poderia dizer-te d'essa repugnantissima saturnal de tres dias e tres noites, já tu deves sabel-o. O ultimo Carnaval foi a millesima edição dos carnavaes anteriores, com o appendice d'uma chuva miudinha e constante, que desbotava o vermelho intenso das mascaras pelintras, fazendo-o pingar em stalactites sanguineas sobre os trages sarapintados dos *salsas* e os collos nús das andaluzas *non sanctas*.

Pelos bailes, muito alcool a evidenciar-se em mazurkas desordenadas e arrotos mal cheirosos. Pelo asphalto, muita corcova de Polichinello, distillando chuva e immundicie; o tremoço saloio a decompor-se, n'umas exhalações assassinas, sob a pata do gallego boçal, encharcada e fetida; os assaltos do costume ás carruagens que se aventuravam na travessia do Chiado; dichotes réles e aguardentados, cruzando-se aqui e ali, n'um desafio nojento, de bordel.

Imagine-se o espirito fugindo a sete pés de todo este amalgama nauseante, e ter-se-ha feito uma idéa aproximada do que foi o ultimo Entrudo.

No meio de tanta semsaboria, só conseguiu dar a nota alegre o *Salsa's Club*, um grupo de rapazes folgazões, que ha tempo se cotizava para fazer fallar de si, exhibindo-se em mascaradas ruidosas. A elle couberam as honras do Carnaval extincto, se bem que, para desafiar a gargalhada do indigena, tivesse mais uma vez recorrido a assumptos sobejamente explorados pelas folhas satyricas e pelo *crayon* incisivo de Raphael Bordallo.

O *Club dos Salsas* pretendeu fulminar ridiculos com a sua troça carnavalesca, mas não soube encontrar no proprio espirito uma forma nova de o fazer, e soccorreu-se de formas velhas, já estafadas por gazetilheiros e caricaturistas.

Como imitação, achámos bem; todavia, desejariamos antes applaudir uma idéa que tivesse o cunho da originalidade e que não cahisse no rammerão insulso da parodia.

De resto, nós achamos sempre pouco edificante e pouco generoso recorrer á immunidade que dá esta epoca do anno, para flagellar ridiculos e beliscar o proximo. Deixe-se esse labor á imprensa, que o exerce quotidianamente, sem ter a mascara afivelada ao rosto, e cuide-se antes de folgar não offenderdo os outros, porque o Carnaval entre gente civilisada e ordeira, se permitte a folia, deve banir de si, com escrupulo, a offensa e o insulto.

Pois não é assim, ó *Salsas*?

O defunto Entrudo trouxe-nos, na sua derradeira hora, dois acontecimentos de sensação:—a *queda* da Elvira Guerra e o rapto da... do Colyseo.

Como veem, o nosso Circo de Inverno, onde pullulam os *clowns*, as *écuyéres* e os saltimbancos, onde se exhibem todas as desformidades humanas, todas as manifestações extraordinarias da força, todas as perversões da natureza vencida, está sendo prodigo em novidades palpitantes e em escandalos imprevistos.

A famosa Elvirinha, como hoje lhe chamam por ahi os *boudinés* despeitados, a bella amazona que nunca se deixára cair do seu alazão favorito sobre a arena dos Circos, caiu agora de chofre no desagrado dos seus antigos admiradores. As ovações estrondosas e vibrantes d'outros tempos, transformaram-se, por um reviramento subitaneo, em pateadas descommunaes.

A pobre Elvira Guerra tornou-se o anjo *déchu* do Colyseo. Até as *Novidades* já lhe batem, até ellas! Porque? Ninguem o sabe...

E emquanto esta gentil amazona, franzina como o caule d'uma rosa, delicada como a petala d'uma açucena, caía dos pincaros da gloria onde o enthusiasmo lisboeta a elevara, outra *écuyère*, egualmente franzina, mas muito menos intransigente em materia d'amor, ao que parece, deixava-se arrebatar para longas terras pelos braços robustos *d'elle*, do feliz americano que punha sempre a nota hilariante do seu espirito inventivo em todos os espectaculos da *troupe*.

E por causa d'este rapto funesto, não mais tornará a ferir-se, na arena do Colyseo, a elegante batalha das rosas; e quando o publico, saudoso, pedir *cigarilla* em altos berros, o Enrique Diaz, melancolico e lugubre, virá á pista responder-lhe:

—*Cigarrilla? No hay!*

C. D.

ALGUNS TRAÇOS DO CARACTER DE TELLES JORDÃO

O caracteristico de Telles Jordão era a brutalidade despotica. Folgava de se mostrar insolente e de se apresentar terrivel. Cuidou que se fôra para a Torre para ser o Beresford das prisões. No seu entender estava tudo indisciplinado, e tratava-se de fazer perceber aos presos que tinham agora á sua frente um homem capaz de os metter na ordem.

Era para isso indispensavel, suppunha elle, tratal-os bruscamente e castigal-os com aspereza á mais leve falta. Era exactamente como o nosso taurino Mesquita para as syllabadas, ou para as faltas de memoria. Bastava que o discipulo se demorasse um segundo antes de responder, para que logo viesse a phrase terrivel «Vá chamar o continuo.» De balde o discipulo demonstrava que era um pouco gago, e que a demóra fôra um resultado de tardança da falla e não de tardança da memoria. Não se admittiam explicações. A palmatoada era inevitavel.

Assim Telles Jordão. Chega uma vez ao carcere, e manda metter os presos em linha. O padre José Ferrão de Mendonça, prior da freguezia dos Anjos em Lisboa, ou porque não percebesse a ordem militar, ou porque fosse um pouco surdo, não obedeceu logo. *Para o segredo!* berrou Telles Jordão. O pobre padre ia humildemente desculpar-se, allegando a sua surdez e a sua idade já provecta. Nem o quiz attender. Lá foi o padre para o segredo.

Esmerava-se Telles Jordão em tratar a todos grosseiramente. A primeira vez que se apresentou nas prisões, um official, que fazia a chamada dos presos, acompanhava o nome de cada preso com a formula de Ill.mo Sr.. E, como os presos iam dando um passo á frente em silencio, á medida que iam ouvindo o seu nome, Telles Jordão tomou d'ahi pretexto para acabar com essa formula cortez, que evidentemente o incommodava. «Estes senhores, disse elle para o official, não querem corresponder á civilidade com que o sr. tenente os trata.»

Assim que os subalternos viram isto, nunca mais os presos foram tratados senão á bruta. Queixava-se o tenente-coronel de caçadores 5 de que o tratassem por você. Appareceu logo Telles Jordão a berrar: «Aqui não ha tratamento senão de malhados e patifes, que é o que todos vocês são.»

Grosseiro e estupido, infunado com a sua authoridade absoluta, mostrava um grande desprezo pela sciencia, affectando comtudo, ao mesmo tempo, um saber diante do qual todos se curvavam com reverencia, folgando elle de mostrar assim que, sem ter aprendido cousa alguma, sabia mais do que os mais sabios. Os seus despachos eram sempre uns verdadeiros *amphiguris*, pelo emprego de palavras pomposas, cujo sentido elle não percebia. Um dia, um estalajadeiro do Porto, chamado José de Azevedo, a quem a familia mandára uma moeda pelo correio, e que esteve quinze dias sem receber esse dinheiro, requereu ao governador que lh'o mandasse entregar, e que lhe permittisse que escrevesse uma carta á familia, para ella lhe mandar dinheiro com mais abundancia, porque d'elle carecia para ir para o degredo. O despacho do governador foi o seguinte:

«A quantidade de papel não se chama carta, e a forma ordenada a que os presos deram causa, pode a escripta chegar a todas as terras e ao ceu se houver quem a leve; e a moeda hoje a recebe.»

O preso, é claro, só entendeu o final, mas tambem não pedio mais explicações. Se as pedisse estava servido.

Um chapeleiro, chamado Francisco Antonio Pinto, que estava preso, costumava obsequiar os seus companheiros de carcere, encarregando os seus caixeiros em Lisboa de cobrarem os soldos dos officiaes. Telles Jordão não gostava, e Pinto, não querendo incorrer no seu desagrado, começou a esquivar-se a fazer esse favor, não querendo mesmo já fazel o ao seu companheiro Antonio Epiphanio Sigaud, tenente de infanteria 5, sem licença expressa de Telles Jordão. O tenente requereu-a. Telles Jordão despachou da seguinte fórma:

«As ordens geraes dadas á guarnição não serão relaxadas a favor do supplicante, tendo os meios necessarios para o que lhe fôr preciso»

Sigaud, não percebendo coisa alguma, e não sabendo por conseguinte se podia ou não contar com o soldo, pediu explicações, e Telles Jordão respondeu pomposamente: *A brutalidade não dá interpretação.*» Este despacho serviu ao menos para grande risota nas masmorras, e Sigaud até certo ponto se consolou do transtorno que teve, com o divertimento que por alguns dias arranjou para si e para seus camaradas

Luiz Claudio de Oliveira Pimentel, irmão do famoso brigadeiro Claudino, e pae do illustre chimico Julio Pimentel, visconde de Villa-Maior, sabendo que ia ser mudado para outra prisão, fez um requerimento ao governador, pedindo para que se lhe dissesse para onde ia. Telles Jordão poz o seguinte divertidissimo despacho:

«*Seja-lhe indispensavel ignoral-o, até que deva fazel-o!*

Outros fizeram egual requerimento, com a formula habitual: *os abaixo assignados, etc.*.

O despacho de Telles Jordão é egualmente divertido: *As formulas diplomaticas não são permittidas em requerimentos!*

Não queria elle que chamassem subterraneo ás prisões, que realmente se deveriam talvez chamar antes *submarinas*, porque ficavam abaixo do nivel do mar e eram completamente innundadas em occasião de temporal. O modo, porém, como elle discutia isso com os presos, era delicioso.

—Você sabe latim? perguntava elle uma vez ao preso José Judice Samora.

--Não senhor.

—Pois sei eu. Olhe *sub* significa debaixo; *terraneo* terra. Logo isto não é subterraneo.

Chegava a sua basofia a ponto de querer dar sentenças no hospital ácerca do modo como se deviam tratar os doentes. O pobre cirurgião Dourado via-se grego com a therapeutica de Telles Jordão, e tanto fez que conseguiu ser transferido. Veio outro, um cirurgião Jacyntho, que o que queria era estar bem com o governador, de forma que se conformava completamente com os conselhos clinicos do brigadeiro. Imaginem!

Estas anecdotas, contadas por João Baptista da Silva Lopes, que derramam tanta luz no caracter e na indole de Telles Jordão, são confirmadas pelas recordações do visconde de Villa-Maior. No livro que escreveu pouco antes de morrer, ácerca de seu tio, o brigadeiro Claudino, teve occasião de referir algumas palavras que ouvira a Telles Jordão, e que ficaram profundamente gravadas na sua memoria de adolescente.

Esperava elle uma vez, com sua mãe, que se fizessem os preparativos necessarios para poderem fallar alguns minutos com o brigadeiro Claudino e com seu irmão Luiz Claudio. Telles Jordão, fazendo pouquissimo caso dos visitantes, passeiava rodeiado de alguns officiaes, entre os quaes estava um moço tenente de artilheria.

Conversava-se ácerca do anniversario de D. Miguel, que estava proximo, e da grande parada que devia haver n'esse dia. Telles Jordão volta-se para o artilheiro e pergunta-lhe:

—Estará bom tempo?

—Eu não sei, brigadeiro, respondeu o tenente.

—Não sabe! Ora essa!

—Eu não senhor, respondeu o official sorrindo, e julgando que o general brincava, eu não posso adivinhar o tempo que ha de fazer d'aqui a uns poucos de dias.

—Então você, diz-lhe Telles Jordão levantando a voz e com muito má cara, então você—e vê-se por isto que elle dava esse tratamento tanto aos seus officiaes como aos presos—então você para que estudou mathematica, se não sabe o tempo que ha-de fazer? Ora ahi está porque eu não quero que meu filho aprenda mais do que ler e escrever, que é o bastante para ter religião e servir o sr. D. Miguel, nosso rei.

O seu systema era que isto de livros não fazia senão mal, que não servia senão para inspirar idéas revolucionarias. Um dia prohibiu que entrassem mais livros nos carceres, e dizia «Aprendam as *theorias* de cór pelos que já cá têem.»

Theorias! eis a palavra que elle empregava com mais frequencia! é a palavra com que todos os ignorantes fulminam a sciencia.

Os presos tambem se divertiam ás vezes á custa d'elle. Andava Telles Jordão todo azafamado a evitar que os presos escrevessem com tinta sympathica. Apesar d'isso, os presos escreviam para fóra.

—Com que é que você escreve? perguntou Telles Jordão a um preso.

—Com urina!

Telles Jordão ficou embasbacado, e sahiu resmungando:

—Ora vão lá evitar isto a estes diabos!

Tal era o homem.

PINHEIRO CHAGAS.

OS TEUS OLHOS

(IMITAÇÃO)

São azues da côr do ceu
os formosos olhos teus,
tão azues que até parece
que n'elles revejo os meus.

Mas, disse que elles são teus,
são nossos, não disse bem;
se tu os trazes no rosto,
eu n'alma os tenho tambem.

São teus e meus, não o negues,
que p'ra tal não tens ensejo,
pois, se tu com elles fitas,
com elles só é que eu vejo.

Que são mais meus do que teus,
talvez inda ouse affirmar,

porque, roubar-me teus olhos,
era mais do que eu cegar.

Irresistiveis, p'ra mim,
elles são como uma esp'rança;
se me fitam, dizem: «'spera,»
e eu, 'spero sempre, criança!

Lisboa. ARNALDO ARMANDO.

A ESTATUA

Jorge amara-a muito. E quando digo amara-a, não emprego este verbo em toda a elasticidade que o sentimento que elle exprime tem soffrido desde que o primeiro homem e a primeira mulher se encontraram.

Quando, depois de uma prolongada ceia, onde homens e mulheres trocavam beijos como passavam desenjoativos, e o desejo lhes sahia mais do estomago que do peito, — Jorge a um canto da sala lhe jurara uma dedicação constante, foi com a menor parte de egoismo com que o homem pode entrar em taes convenios, que elle se lhe lançou nos braços, rendido e prompto para tudo que ella quizesse em qualquer tempo exigir.

E ella, acceitando aquelle affecto que a arrastava a uma nova vida, e cingindo-o ao seu alvo e avelludado seio, deu-lhe por fiança de fidelidade o prazer que elle lhe via sentir em seus ardentes e repetidos beijos.

Desde esse dia elle entregou-se-lhe com uma dedicação extraordinaria, com uma d'estas raras abnegações que, pela maior parte das vezes, só se encontram nos doidos ou nos dementes. Consagrara-se unicamente áquella mulher, pensando e sentindo por ella, fazendo-lhe entrega de todo o seu ser, para lhe tornar a existencia mais larga em prazeres, para lhe ampliar a felicidade em que ella podesse conchegar-se, sentindo roçar-lhe pelas faces as azas brancas da boa fortuna, como n'um sonho prolongado em que tivesse cahido, ao imprimir-lhe nos labios o primeiro beijo, e do qual Jorge esperava só despertaria quando elle morresse para sempre nos seus braços.

Tinham partido na primavera. E por essas provincias fóra, ao som do clarim do amor, desfraldado o estandarte alegre da mocidade, elles foram gosando, de parelhas com a natureza, todo o encanto que a primavera lhes ia desenrolando á vista de terra em terra. Aos toucados dos mais bellos roseiraes ella roubara as mais garridas flores para os seus cabellos; fôra sobre os mais felpudos tapetes de relva, ou á sombra dos mais frondosos arvoredos, no meio de toda a opulencia vegetal, que elles adormeceram ao pôr do sol, desafiando com os seus olhares ardentes toda a força da seiva que subia nas arvores, apertando-se entre os braços nervosos, e fazendo, a toda a força dos labios, estalar os beijos, como a quererem impôr vassallagem á natureza que se atrevia a expandir-se em amor diante d'elles. Os seus dentes muito brancos e cortantes tinham dado a morte a pomos virgens e tão tenros, que o mais leve toque de labios lhes devia ainda respeito; aqui gravaram n'um tronco os seus nomes entrelaçados; além sorriram-se de mãos dadas para as suas imagens espelhadas nas aguas dos ribeiros, que deslisavam brandamente entre as margens vestidas de verdura.

Depois, o calor, mais do que os beijos, começou a queimar-lhes as faces, e foram refugiar-se na herdade de Jorge. Era então quando os passaros nas ramarias tocavam a alvorada, que sahiam por aquelles campos, longe das estradas, e ella ia chamar do cimo dos montes o sol—cujo curso a louquinha! dizia dirigir com o seu olhar—e em seguida descia aos pomares, a saborear a doçura dos fructos, trincando sofrega os pecegos mais maduros, chupando as uvas mais cheias, fazendo estalar entre os dentes as cerejas mais duras, e arranjando nos lenços provisões para o almoço, que a ama de Jorge lhes tinha preparado no caramanchão mais espesso do jardim; ou então quando o luar prateava o campanario da egreja e as casas da aldeia, uma aragem tepida affagava os rostos, as rãs coaxavam nos regatos, e ao longe se sentia o chiar impertinente dos carros e as notas desencontradas dos gados que voltavam pachorrentamente para as arribanas. E sentados n'uma pedra, n'um tronco de arvore, ou n'algum muro baixo, elles trocavam uma escala de beijos, atirando alguns para o ar, para darem mais vida ás estrellas— diziam. Uns louquinhos! Durante o dia, n'um *atelier* improvisado no andar mais alto da casa, ella trabalhava em barro a sua estatua, tamanho natural, que copiava d'uma photographia, e a que Jorge—um bello artista—ia dando gradualmente os ultimos toques.

Quando um vento mais fresco soprou ao longe na quebrada, as folhas amarelleceram e foram cahindo, hoje uma, ámanhã outra, como aos velhos desherdados da sorte vão cahindo as esperanças resequidas, arranjaram as suas malas, e atirando com umas gargalhadas ingratas aos campos que morriam n'um começo de pobreza e que tantas horas alegres lhes tinham dado, partiram uma bella tarde; e na manhã seguinte, n'uma praia despresada pela moda, algumas ondas que se empinavam junto dos rochedos iam lançar-se phreneticas sobre os dois amantes, que mergulhavam abraçados, entre risadinhas e loucuras amorosas que se permittiam como namorados. A' noite, na canôa do banheiro, lá iam junto á praia, elle dedilhando na sua viola, ella soltando ás aguas as notas caprichosas das canções que aprendera em pequena nas campinas de Aranjuez; outras vezes iam á pesca e depois improvisavam ceias de caldeiradas ali na praia, a que assistiam tambem a mulher do banheiro e os pequenos—umas creancinhas adoraveis, que ella beijava com uma soffreguidão enorme, indo depois segredar umas palavras ao ouvido do amante. E aquella boa gente, que assim e com algumas moedas de prata mettiam na alma, chamavam-lhe os dois anjos.

O ar tornara-se mais frio; no ceu amontoaram-se, formando castellos colossaes, nuvens carregadas; as chuvas começaram a cahir; alguns rios, sahindo do leito, atiraram-se sobre os campos, levaram sementeiras e deixaram miseria; e os dois anjos—como lhes chamava a familia do banheiro— regressararam ao seu adoravel *rés de-chaussée* na capital.

Durante o inverno quasi toda a Lisboa os viu no seu camarote de bocca, assistindo ás *primeiras*, atravessando a Avenida ou percorrendo o Campo Grande no seu pequeno *coupé* puxado por dois *poneys* negros como os olhos d'ella, entrando hoje no Pexe a comprar uma *chinoiserie* caprichosa, amanhã na Aline a encommendar uma *toilette*, sempre os dois, muito alegres, muito felizes. E os vestidos d'ella eram fallados, a sua elegancia discutida a meia voz nas salas mais recatadas; os seus penteados serviam de modelo ás mais distinctas actrizes, os binoculos cahiam sobre a sua frisa em S. Carlos, mal ali chegava; e as elegantes dobravam um pouco os seus bustos direitos, de estatuetas, a segredarem-se descobertas importantes na *toilette* da gentil peccadora.

Acalmara a furia do inverno dando já logar de algum allivio aos campos; a primavera de novo esmaltava a natureza com as suas mais delicadas côres; o sol alourava a terra; abril sorria-se e de cada sorriso desprendia-se uma flôr Quando Jorge se dispunha a recomeçar aquella doce serie de encantos que gosara pela provincia, uma tarde, ao regressar ao seu *rez-de-chaussée* e não a encontrando a recebel-o com um beijo, perguntou por ella e recebeu como resposta uma carta que ella lhe deixara. Abriu-a rapidamente e leu-a:

Jorge

Já me não podia enganar por mais tempo, o sacrificio era superior ás minhas forças! E como jurara nunca te enganar e assim o queria, deixo-te antes que isso aconteça. Não me procures; e para que o não intentes fazer, á hora em que leias esta carta, pertencerei a outro e estarei bem distante.

O meu temperamento exige barulho, ruido em que me atordoe, muita gente que me rodeie a toda a hora, sensações sempre differentes. A vida a dois vejo que me será sempre impossivel, e tenho a certeza, porque te amo muito e não consegui, já não digo acostumar-me, ao menos sacrificar-me. Perdôa-me. E antes assim do que ter-te enganado.

*
* *

Jorge leu a carta, releu-a, e, deixando-a cahir no chão, ficou-se em pé, com uma das mãos apoiada sobre um bufete e com a outra amachucando as luvas entre os dedos. Pelo seu rosto, que não soffrera a mais leve contracção, rolaram duas grossas lagrimas.

Tão grande era a confiança que depositava n'ella, que nem uma unica vez na sua imaginação concebera a ideia de que o poderia abandonar. Fôra assim que Jorge levantara a uma grande altura o edificio rendilhado da sua felicidade, julgando solida a base—a posse eterna da mulher que amava; e por isso mais forte o effeito que produziu no seu espirito, desprevenido para tão grande abalo, o desmoronamento da sua tão grandiosa obra.

Dias e dias Jorge, allucinado, percorreu a cidade procurando-a por toda a parte, indagando aqui, perguntando acolá e os amigos riam-se e apontoavam-o com epithetos ridiculos. Era impossivel encontral-a! Tinha-a perdido para sempre; e como havia de viver? se a alimentar-lhe a vida tinha só a recordação do passado, a saudade, unica lembrança que o tempo, qual ferrugem, não destroe, antes mais augmenta e mais aviva a chaga, como ferro agudo que penetra o peito e cuja dôr horrivel, embora mate, causa prazer, se prazer na dôr existe!

Resplendia a primavera então. Como ha um anno elle era feliz! Que dias deliciosos passara com ella n'esses campos que se sorriam aos seus olhares, estremeciam aos seus beijos! E decidiu-se a partir, a ir novamente áquelles logares santos e queridos da sua vida exigir-lhes tudo quanto prodigamente lhes tinha dado!

Partiu. Foi aos roseiraes e perguntou-lhes pelas rosas que a toucavam, e os roseiraes calaram-se na sua mudez passiva; pediu-as á sua alma e ella respondeu-lhe que as suas flôres estavam fanadas, nem o sol as poderia colorir, nem o orvalho as poderia refrescar; lançou-se sobre os tapetes de relva, onde com ella adormecera, e pediu-lhes ao menos o calor do seu corpo, e a terra fria nenhum calor lhe deu; abalou as arvores para lhe dizerem o seu nome, que ella gravara nos troncos, e as velhas ar-

MEDICOS ILLUSTRES

DR. JOAQUIM SALGUEIRO D'ALMEIDA

DR. ADRIANO EMILIO DE SOUSA CAVALHEIRO

vores só lhe deram gemidos de dôr; debruçou-se sobre os ribeiros onde as suas imagens se tinham espelhado e procurou ali o retrato d'ella, e as aguas deram-lhe o retrato d'elle, só, abandonado. Prostrado, exhausto, sentou-se sobre um muro, onde tantas vezes a beijara, e pediu ao vento as palavras d'amor que lhes levara dos labios, e o vento foi surdo, nada lhe respondeu.

Ergueu-se novamente e percorreu todos os logares testemunhas da sua ventura passada, e pareceu-lhe que tudo mudara, que tudo estava triste. Dirigiu-se então, quasi a correr, para a casa onde tinham vivido dois mezes da mais celestial ventura, e subiu a galope os degraus que conduziam ao ultimo andar, onde estava o seu *atelier*.

Logo que abriu a porta, duas lagrimas lhe correram, ao deparar-se-lhe em frente a estatua d'ella, ainda no mesmo logar. E como estava parecida! Que semelhança de feições! Mas a sua côr não era aquella! Os seu labios estendiam-se para elle, e aquelles estavam parados. Os seus olhos fallavam-lhe poemas de amor, e aquelles estavam na immobilidade fria do barro; os seus braços estendiam-se-lhe, e aquelles cahiam ao longo do corpo! Faltava-lhe a vida! Ah! que havia de animal-a com todo o seu amor! Sim, havia de animal-a! E cahindo de joelhos, cheio d'uma alegria e d'uma devoção enorme que lhe invadia o espirito, elle começou a beijar-lhe as mãos!

Oito dias havia que Jorge estava encerrado n'aquelle recinto

UMA VICTIMA DO DEVER

que tantas recordações lhe fallava e parecia que outras tantas dezenas a sua existencia avançara d'um ponto já quasi indefinido ao seu espirito e de que elle quasi se não recordava. Os seus cabellos negros começavam a ter scintillações de prata aqui e além, o rosto todo sulcado de profundas rugas, a barba crescida, o olhar idiota, os labios descahidos!

Nos primeiros dias ficara-se a pensar em todo o tempo feliz que ali gosara, como a refazer-se de delicias do espirito e do coração, perdidas para sempre e impossiveis de readquirir. Depois, essas recordações foram-se amontoando, confundindo, até que acabou em persistir na unica idéa de animar a sua querida estatua! Cobria-a de beijos, segredava-lhe scenas inteiras dos primeiros dias dos seus amores, recordava-lhe os juramentos feitos, abraçava-a, beijava-a, e em seguida, com os braços estendidos, a vista espantada, n'um retesamento de idiotismo, recuava a pouco e pouco, e, deixando cahir os braços, murmurava entre soluços:—Ainda te não dei vida! E atirava-se sobre um sophá, chorando como uma creança.

Ao oitavo dia, depois d'uma excitação nervosa em que rasgara a photographia que servira em parte de copia á modelação, avançou, n'uma segunda furia, para despedaçar a estatua. De repente, porém, o seu olhar illuminou-se, um sorriso muito branco inundou-lhe o rosto, avançou para ella, e conchegando-a ao peito, tocou ao de leve com a bocca nos labios frios do barro, que elle sentiu imprimirem-lhe um ardente beijo, e deixando pender a cabeça para traz, exclamou, n'uma alegria que causava horror:—Sou feliz!

E agitando os cabellos desgrenhados, largou a estatua e foi-se pelos campos fóra, a repetir entre gargalhadas sinistras: Sou feliz, sou feliz!

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI.

AS NOSSAS GRAVURAS

ILHA DE S. THOMÉ.—PRAIA

No centro da cidade de S. Thomé existe a Alfandega, que de noute destaca entre os candieiros que orlam a praia, pelos seus dois candieiros verde e encadernado.

Quem se collocar na ponte-caes da Alfandega, e se voltar para leste, vê em frente de si o palacio do governo, a lingua de terra chamada o *Espalmador*, e na extremidade sueste da bahia, meia escondida pelas edificações, a fortaleza de S. Sebastião, com o seu mastro de signaes e o seu pharol.

Voltando-se depois para oeste, desenvolve-se deante do observador o panorama representado pela nossa gravura.

Na occasião em que a photographia foi tirada, estavam os pretos deitando ao mar um *dongo*, estreita e comprida embarcação feita de um páu só.

MEDICOS ILLUSTRES

JOAQUIM SALGUEIRO D'ALMEIDA E ADRIANO EMILIO DE SOUSA CAVALHEIRO

O primeiro nasceu no Rio de Janeiro, onde estudou preparatorios, e o segundo em Moncorvo. Ambos elles são medicos illustres, havendo entre os dois uma pequenina differença: o dr. Adriano Cavalheiro é clinico e politico ao mesmo tempo; e o seu collega desadora a politica, fugindo d'ella como quem foge da lepra.

*

Joaquim Salgueiro d'Almeida tem hoje pouco mais de 46 annos, e exerce a clinica em Lisboa ha cerca de vinte.

A sua casa á o amparo dos pobres, e junto ao leito do doente para elle todos são eguaes.

Trabalhando sempre na sua obra humanitaria, tem concorrido com a maior energia para o bom resultado da Associação da Ambulancia dos Bombeiros, lembrando os meios de acudir aos que se sacrificam para salvar as vidas dos accommettidos pela voracidade do fogo; e, para conseguir este fim, inventou uma maca, muito ligeira e portatil, para o transporte dos feridos, e uma barraca especial, fornecida de todos os meios precisos para, no proprio local do sinistro, poderem prestar-se promptos e salutares auxilios aos que d'elles careçam.

Depois de cumpridos os seus deveres de clinico e de exemplar chefe de familia, Salgueiro d'Almeida emprega todos os momentos que lhe sobram no estudo e na santa obra da instrucção popular. Dirige asylos, cria associações, visita e funda escolas, presta auxilios clinicos gratuitos aos pobres; e n'essas occasiões, procurando despertar em todos o sentimento da consciencia individual, muitas vezes adormecido, explica-lhes os preceitos da hygiene, e as sagradas leis do trabalho e do dever.

Salgueiro de Almeida é um dos directores mais assiduos e zelosos do Asylo de S. João, e offereceu-se ha tempos, por um impulso espontaneo da sua alma, para facultativo assistente do Asylo de Nossa Senhora da Conceição, para raparigas abandonadas, onde recebe, como unica paga, os sorrisos dos rostos infantis que ali se acoitam, sorrisos cheios de luz e de innocencia.

*

Adriano de Sousa Cavalheiro concluio a sua formatura em Coimbra, no anno de 1877, e foi logo exercer a clinica nos concelhos de Foscôa e Meda, onde esteve até outubro de 1878, vindo depois para Lisboa.

No campo clinico tem adquirido os creditos de especialista em molestias de creanças, a ponto de, no bairro oriental, ser conhecido pelo «medico das creanças», naturalmente pelo bom resultado colhido no tratamento d'estes pequenos seres, que, não sabendo queixar-se, demandam uma aptidão especial.

Como clinico, teve em Meda de luctar com uma epidemia de febres typhoides, que dizimou a população d'algumas freguezias, incluindo no numero das victimas o seu antecessor, rapaz no vigor da vida.

Em dezembro de 1878 e janeiro de 1879, grassando algumas febres typhoides e uma epidemia de sarampo no Barreiro, e tendo adoecido gravemente o medico do partido da mesma villa, o presidente da Camara veio a Lisboa contractar um medico que quizesse ir tomar conta d'aquelles desgraçados. Depois de longas e inefficazes negociações, foi-lhe indicado o nome do dr. Cavalheiro, que se prestou a ir para o Barreiro, onde permaneceu até o fim de janeiro de 1879, fazendo curas verdadeiramente milagrosas.

De todos os dados biographicos do dr. Adriano Cavalheiro, o que mais enobrece o seu nome é o seu espirito excessivamente caritativo. Alma sensivel a todos os infortunios, a par dos seus valiosos serviços como medico, a sua mão procura não servir sómente para curar as dores phisicas; estende-se generosa, sempre que pode, a soccorrer os que precisam, além da saude, do pão de cada dia.

UMA VICTIMA DO DEVER

Quasi a chegar á Herdade, para onde guiava dois bellos exemplares da raça suina, que o amo comprára na feira de gado da villa proxima, o nosso homemsinho vê os bichos desatarem a fugir n'uma carreira doida, cada um para seu lado, levados, talvez, pelo instincto da liberdade e pelo presentimento da sorte que os esperava.

Fiel cumpridor dos seus deveres, o pobre diabo corre atraz dos animalejos fugitivos, agarra um pela cauda e outro por uma pata trazeira, mas os brutinhos teem mais força do que elle e arrastam-n'o pela estrada fóra, até dar de ventas n'um charco.

E' n'essa attitude comica e grotesca que a nossa gravura o representa.

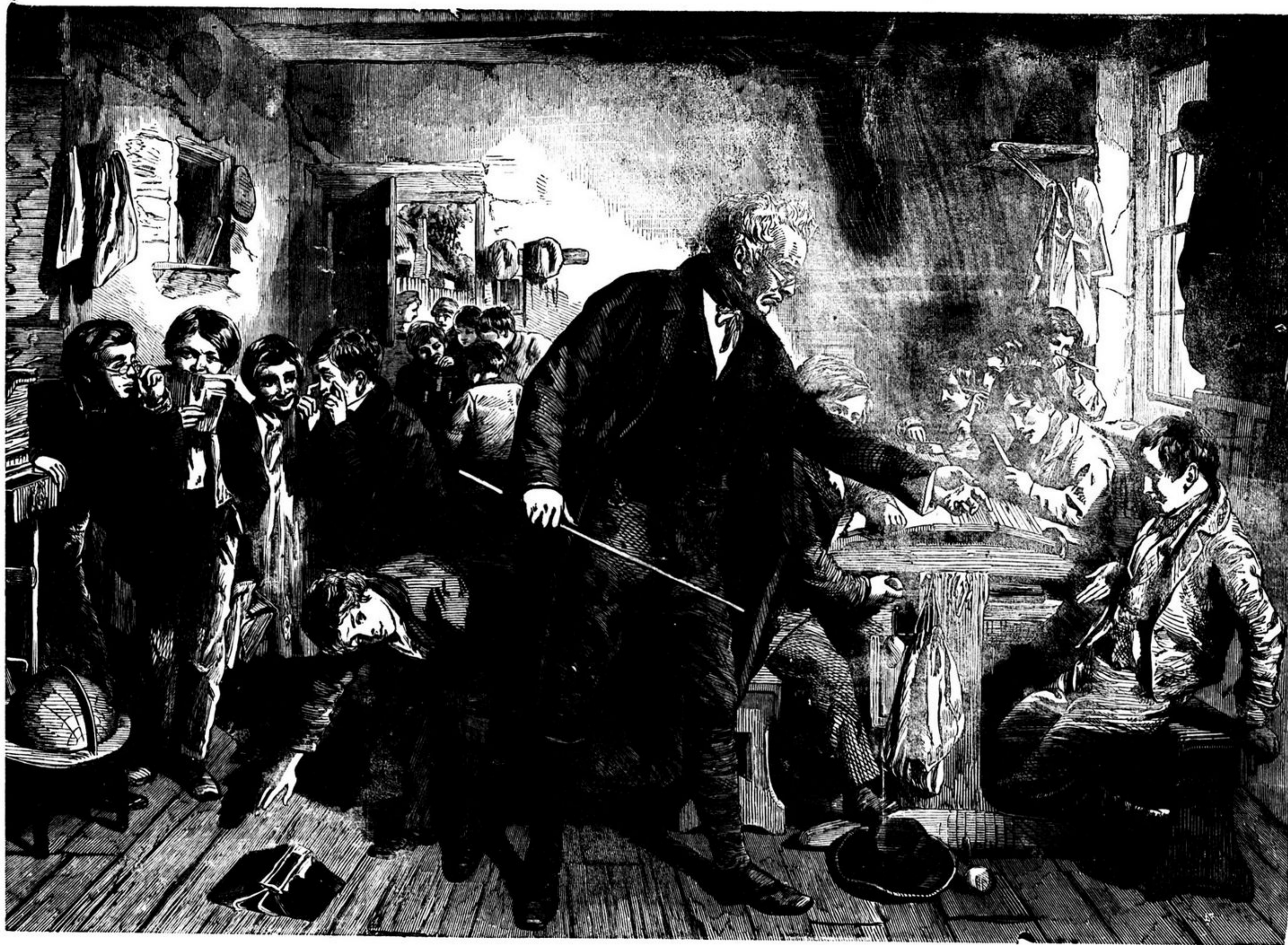
O MESTRE-ESCOLA

Todos nós fomos creanças; todos nós nos lembramos do tempo em que fugiamos do mestre, para irmos espairecer pelas devezas, apanhando ninhos pelas arvores do campo. A todos nós nos lembra o horror com que viamos a figura do velho mestre-escola, com os seus grandes oculos de latão e a sua formidavel palmatoria, a celebre *menina dos cinco olhos*, como a alcunhou a infancia na sua pittoresca linguagem. A todos nós, pois, ha de fazer saudades aquelle bom tempo. A gravura que hoje damos é copia de um soberbo quadro de um pintor inglez. Lá vae elle com a vara, para aquelle pobre rapazinho, que se esqueceu de estudar a sabatina, porque se demorou na vespera, com uns companheiros, n'uma soberba caçada aos ralos na montanha.

Em quanto o mestre está de costas voltadas, outros arremedam-no, pondo os oculos e fazendo gatimanhos. Que feliz edade, em que ainda não doem as grandes dôres, e em que o mundo é todo côr de rosa e oiro!

O AMOR E O DINHEIRO

E' velho o assumpto do quadro, mas nem por isso deixa de ser interessante:—a eterna lucta da velhice, confiando nos seus thesouros, e da mocidade, que apenas confia nas opulencias da sua paixão.

E' verdadeiramente radiante de felicidade a cabeça do rico senhor, na sua sumptuosa dalmatica, como a physionomia do joven pagem, e a bella figura da mulher, cuja mão se estende involuntariamente para as joias que lhe são offerecidas, emquanto que o seu ouvido escuta as melodiosas trovas do gentil cavalleiro.

O MESTRE-ESCOLA

EM EXTASE

Completamente enlevado na comtemplação dos pintainhos ha pouco sahidos da casca, e da gallinha mãe que os affaga, cheia de legitimo orgulho, o gracioso *bébé* da nossa estampa nem pestaneja sequer, esquecendo-se das caricias maternas e do *biberon* bem provido

E' que os pequeninos attrahem-se, por uma sympathia reciproca e irresistivel. Roubem ao seu extase a creancinha da gravura, e verão o berreiro que ella faz.

ANCEIO

Em pouco se resume o meu desejo,
O' pomba de brancura immaculada,
Que na minha alma enamorada vejo
D'innocencia e belleza aureolada:

Da tua voz angelica de fada
Ouvir o doce e harmonioso harpejo,
E na mão pequenina e avelludada
Depôr-te a medo um respeitoso beijo.

Depois, n'uma ancia de ternura ardente,
De joelhos prostrar-me, e febrilmente
Haurir embriagado o teu perfume,

E, como cão fiel, sem um lamento
Aos teus pés exhalar o ultimo alento...
Em pouco o meu desejo se resume.

JULIO CRUZ.

PELO CARNAVAL

Convenientemente embuçado n'uma ampla capa de pelles de Astrakam, o marquezinho caminhava muito apressadamente pela avenida Friedland, enviando ao escuro profundo da noite os aromaticos e esbranquiçados vavores do seu *Londres*.

—Brrr!... Estamos no polo!... E eu na rua, de volta do club, onde me sugaram completamente a bolsa, trocando estas miserias pela doce poesia do *ménage*, pelas caricias ferventes da marqueza!... Sempre comprehendi que é idéal, aquecer-se a gente no halito da terna esposa emquanto a humanidade tirita lá fóra com os borrifos gelados de um fric syberianno! Mas contra mim mesmo e todas as theorias apologistas do casamento, tenho sempre de bocejar, quando minha mulher, com o impudor do thalamo, me apresenta as faces ao osculo marital!...

E depois, encolhendo os hombros:

—Esplendido, este charuto!... Mas que vejo... Margot ainda não dorme?!... E dizendo isto, o marquezinho olhava para as janellas de um elegante palacete da rua Monceaux, á porta do qual tinha parado.

—Deixal-a!... Hoje não estou para a ouvir!...

E acto continuo, pousou a mão aristocratica e irreprehensivelmente enluvada, no botão da campainha.

Já no seu quarto e preparando-se para se despir, sentiu repentinamente o ruido de um passo lento e um pouco pesado, que rangia no tapete da sala contigua.

O reposteiro affastou-se e appareceu um creado, trazendo na mão uma salva de *vermeil*, com uma carta.

—O que é?

—Uma carta para o sr. marquez.

—Grande mariola, pois tu vens incommodar-me a esta hora por causa d'essa insignificancia!

—E' que...

—E' que... é que... Ah! ah! que prodigio de calligraphia! Deixa vêr, Mazeppo.

O creado que dava por este interessante nome, approximou-se do amo. Este, cheio de curiosidade, rasgou o sobrescripto e tirou uma uma pequenina folha de papel *rose*, macio como uma luva e rescendendo sobre tudo um delicado perfume de violetas, que o mancebo não se poude eximir de aspirar com delicia.

A carta dizia assim:

Querido marquezito.

Exijo-te o penoso sacrificio de te dirigires no domingo gordo ao baile da Opera, para gozares um bocadinho da noite. Olha, leva um dominó verde com fitas côr de rosa. Logo que chegues, procura um dominó preto com laços azues. Se desejas continuar a ser um marquezinho ideal, não esqueças isto. Em paga do sacrificio, envio-te as pontinhas dos dedos.

Tua—*Marion*

—O cumulo de descaramento! Esta endiabrada rapariga hade ser a minha perdição!... Safa! Se este maldito bilhete ia cahir nas pequeninas mãos da marqueza, certamente teriamos scena de melodrama!... Pois, menina Marion, em paga do mal que me poderias causar, não porei os meus pés no baile, e tu não terás o gosto de me vêr!...

E o voluvel marquezinho, certo já da desforra, enovelou-se por entre as sinuosidades fofas de um leito principesco.

•

Estamos n'um delicioso gabinete, atulhado d'esses preciosissimos nadas, que tão necessarios se tornam no viver intimo da mulher elegante.

Sente-se uma especie de inebriamento n'aquelle ninho de opulencia, com os seus bronzes caros, as suas tapeçarias de Beauvais, os seus jarrões de Sévres onde vegeta uma bem escolhida e delicada flora, tudo harmonicamente disposto e consoante ás exigencias do bom gosto.

O ambiente môrno, confortavel, levemente tocado de umas vagas emanações de carne feminina, a luz branda, indecisa, deixando em meia penumbra todo o aposento.

No momento em que transpomos o limiar da porta, Margarida conserva-se reclinada com languidez n'uma poltrona, a loura cabeça de Aspasia ligeiramente pendida sobre o espaldar, pondo a descoberto o bello cóllo, de uma alvura de cysne.

A quietação, os olhos semi-velados indicam uma concentração de espirito.

Em que pensará?

Talvez a carta que ella conserva aperada entre os dedos nos explique o mysterio.

Leiamos:

Minha senhora.

Lembra-se de Maisons-Laffite?... Por acaso conseguiria esquecer já de todo o seu querido Raul?... Ai! que saudosas recordações me prendem áquella noite feliz!... Recorda-se?... Era tudo poesia e mysterio!... Tinhamos ido esconder os nossos amores n'um bosquesinho, melancolicamente sepulto na penumbra do luar, longe das vistas dos indifferentes! Que de confidencias trocadas!... Que de caricias confundidas!... Pois bem, esse a quem, em tempo, v. ex.ª se dignou conceder uns affagos d'essas mãosinhas de sereia, ousa pedir-lhe uma entrevista, tem a confiar-lhe uns segredos muito importantes. Em nome do passado e confiando n'algum resto de affeição que por ventura me possa consagrar, supplico-lhe que esteja, no domingo gordo, no baile da Opera, apresentando-se com um dominó preto e laços azues, para que facilmente a possa reconhecer. Vae, sim?

Seu eterno admirador—*Raul*.

—Que inconveniencia!... dizia a marquezinha mordendo os labios vermelhos como um botão de rosa. Querer reatar umas relações que já de ha muito tinha quebrado! Não amo, nunca amei este rapaz, um semsaborão com as suas tiradas madrigalescas e os seus bosques silenciosos! Se o escutava era simplesmente para me vingar do senhor meu marido, que me abandona tão cruelmente, calcando a minha dignidade de esposa, e zombando da minha belleza de mulher! Ah, mas a desforra hade ser terrivel!... A pena de Talião não se fará esperar, mas nunca com este idiota que me encheu de fastio!... Mas que quererá elle, agora que tudo está acabado entre nós?... Será algum novo madrigal!... Comtudo, estes segredos importantes!... E para isto, tem o arrojo de me convidar para um baile publico!!... Nescio!

Sorriu-se desdenhosamente e desfez a carta em mil bocadinhos, que atirou pela janella fóra.

•

A's dez horas havia já grande animação na Opera.

Uma cohorte enorme, embriagada pelo delirio dos prazeres fortes, invadia a grandiosa escadaria que n'essa noite apresentava um golpe de vista verdadeiramente magnificente, pela profusão dos lumes que arrancavam scintillações deslumbrantes do facetado dos crystaes e do dourado das cornijas.

No salão, a orchestra de Métra arremessava aos ares saturados de luz e de perfumes indefiniveis, os accordes doudejantes de uma walsa desenfreada, ao passo que uma massa informe, esquisita pela promiscuidade dos costumes mais ou menos grotescos, turbilhonava incessantemente em redomoinhos estonteadores. No ambiente nevoento crusavam-se, n'uma confusão indiscriptivel, as notas enrouquecidas dos rabecões, os tremulos plangentes dos violinos e dos clarinetes, os clamores ensurdecedores dos instrumentos de pancada, a que vinha ainda juntar-se o guinchar truanesco da mascarada foliona.

Fixemos, porém, a nossa attenção n'um dominó verde, que a muito custo rompia a multidão compacta, tentando sem duvida affastar-se do salão.

—Ouff!... murmurava, suffoca-se n'este recinto!... Aqui

não está ella!... Vão lá encontral-a no meio d'este diluvio de carne humana!... Ah!... Talvez no *foyer*....

Chegado ahi, o dominó em quem o leitor certamente já reconheceu o nosso voluvel marquez, poude ver um dominó preto com laços azues, o qual, envolvido na chusma de individuos que affluiam áquelle logar para evitarem por alguns momentos a athmosphera vulcanica do salão, parecia procurar alguem.

—Não me enganei, disse comsigo o fidalguinho mascarado, lá está *ella*, a minha Cleopatra!...

E o Marco Antonio da actualidade aproximou-se do dominó preto, até lhe tocar com a mão no hombro.

—Encontro-a finalmente, minha *perfidasinha*!

—E' o senhor? perguntou baixinho o dominó dos laços azues.

—Sim, encantadora odalisca, sou eu!...

—Saiamos d'aqui e procuremos um logar onde possamos conversar.

—Vem, queridinha. E o moço aristocrata conduziu o dominó preto para uma extremidade do *foyer*, onde a multidão era menos compacta.

—Cousa singular, dizia elle emquanto caminhava, iria jurar que esta pequena é mais alta que a Marion!... E d'ahi pode ser que esteja enganado.

Mas é extraordinario!... dizia tambem o outro dominó. Raul diminuiu de altura n'estes ultimos seis mezes!... Será talvez illusão minha!...

Quando pararam, a marquezinha, porque era ella, disse para o homem que julgava chamar-se Raul:

—Vamos, Raul, peço-lhe que seja breve. Que segredos são esses que me annunciou?...

O marquezinho, a esta apostrophe imprevista, esteve quasi a recuar um passo. Comtudo, não se desorientou.

Raul, pensou elle, ella chamou-me Raul! .. Esta não é má!... Mas que demonio de segredos serão estes?... O que percebo em toda esta trapalhada é que não estou fallando com a Marion... Sim, sim, por isso eu a vejo mais alta!... Mas aquella carta... será alguma peça carnavalesca da endiabrada?... Sendo assim, não m'a pregou, porque esta pequena um quasi nada mysteriosa, a fallar-me em segredos, deve ser encantadora!... Alguma Venus disfarçada!... Estou pois no meu elemento, uma aventura galante, e no fundo de tudo isto uma mulher...

—Mas, senhor, não repara que estou esperando?

—Bonito, murmurou o marquezinho em aparte, passa-me agora pela idea a voz da marqueza!

E depois, em voz alta:

—E' que estamos muito acompanhados!... Talvez fosse melhor sahir; os segredos são muito serios e...

Margarida conservou-se por um momento calada, silencio que o mancebo attribuiu a alguma hesitação. Mas na verdade ella dizia comsigo:

—Sinto-me esta noite singularmente nervosa!... Agora julguei ouvir a voz do marquez!

—Vamos para onde quizer, proseguiu ella, de maneira a ser ouvida pelo seu interlocutor, comtanto que me inicie depressa n'esses taes segredos!

—Quer ter a bondade de seguir-me, respondeu o marquezinho, offerecendo o braço com galante cortezia.

*

Vamos para onde quizer!... dissera ella com adoravel abandono.

Esta resposta promettia muito, muitissimo, e o gracioso fidalgo, que era tambem um habil estrategico, julgou logo que aquella deliciosa creatura, avida de segredinhos, constituia uma praça facilmente accessivel.

—Levo-a para um gabinete reservado do Café da Cascata, dissera elle lá com os seus botões.

N'este momento desciam a escadaria, que regorgitava de espectadores.

—Mas então, sahimos?!... perguntou o dominó preto, em quem a paciencia já ia perdendo terreno.

—Como vê, minha Dulcinéa.

—Previno-o de que me desagrada horrivelmente esse tratamento. Bem deve saber que tudo acabou entre nós!

—E' cruel! exclamou o mancebo, que interpretava maravilhosamente o seu papel de Raul.

—Se algum de nós merece esse titulo é o senhor, que ha perto de uma hora me faz permanecer n'uma medonha espectativa!

Passava um fiacre. O doidivanas acenou ao cocheiro para que parasse.

—Em breve saberá tudo. Vamos, louquinha...

—Outra vez!...

—Ah!... Minha senhora, vou ter a honra de conduzil-a a um logar onde não correremos o risco de sermos incommodados.

A marquezinha pareceu hesitar.

—E se eu não quizer acompanhal-o!...

—Dar-se-ha o caso de que V. Ex.ª duvide de mim, que a adoro, apesar da sua fria indifferença ou talvez mesmo por causa d'essa indifferença?!...

Margarida encolheu os hombros, movimento muito significativo, cuja interpretação não seria muito favoravel para os bons creditos do marquez.

Em seguida disse em voz alta:

—Bem, estou prompta a seguil-o!... O que poderei eu temer de um tal *simplorio!* accrescentou em voz baixa.

Entretanto, o *simplorio* sorria sorrateiramente e repetia por entre dentes as celebres palavras do vencedor das Gallias:

—Cheguei... vi... e venci!!...

*

Chegaram.

O dono do estabelecimento acudira pressuroso a receber os dois hospedes e guiara-os a um gabinete mais que confortavel do primeiro andar.

Ouçamos entretanto este interessante dialogo, que os dois entabolaram a sós:

—Quando porá o senhor termo a esta abominavel *chantage?*... Devo advertil-o de que seria infelicissimo se algum dia tentasse encetar a carreira de auctor dramatico! .. As suas comedias iriam fatalmente produzir no espirito dos espectadores os effeitos de um soporifero!...

—Repare, minha queridinha... Ah! esquecia-me de que V. Ex.ª detesta os tratamentos livres!... Mas repare que os dramaturgos resumem ás vezes no epilogo da peça todas as esperanças do bom exito! E a minha comedia, visto que assim lhe quer chamar, ainda está um pouco longe do epilogo!

—Repito-lhe, tudo isto me parece incomprehensivel!... Um dia V. Ex.ª atreveu-se a dizer que me amava. Eu vivia aborrecida e por consequencia sequiosa de distracção. Sabe porque escutei as suas ternas confissões?... Exactamente pelo mesmo motivo porque vou aos Italianos ou a Longchamps! Escutei-o para me distrahir!...

(Conclue no proximo numero).

DUARTE CID.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

No refeitorio esta ave causa-nos prazer—1—2.
Não és tu feliz, homem!—1—2.
Em versos é um poeta charlatão—1—2.

J. VELLOZO.

Corre na musica este animal—2—1.
E' adverbio nos pronomes esta terra—1—2.

TRETRITRO.

O verso d'esta mulher é de lã—2—2.
Temos no corpo esta parenta vegetal—1—2.

Ajuda. A. FREITAS.

EM VERSO

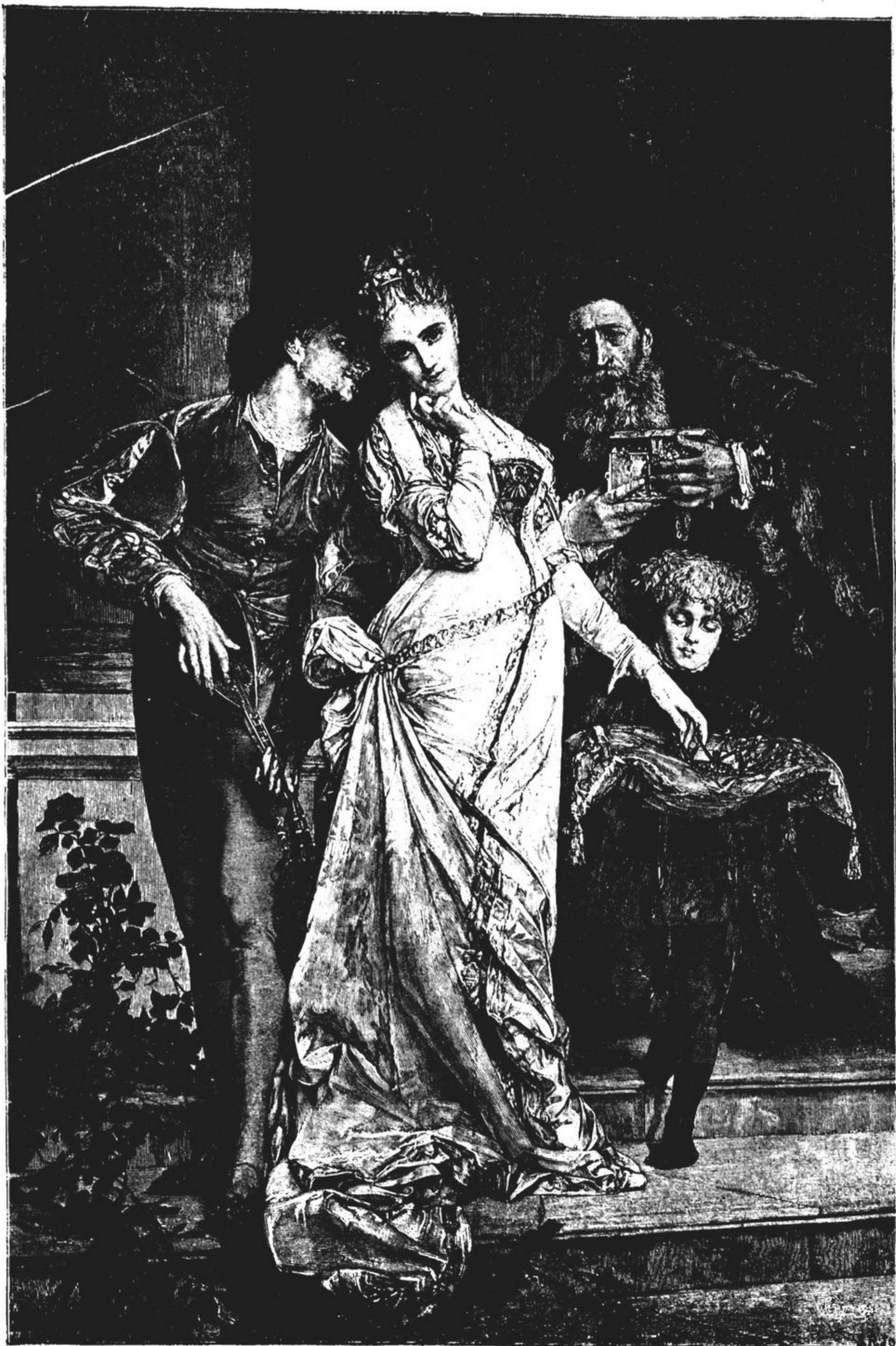
Faz isto o cão,—2
Que, no appellido,—1
Foi sempre tido
Por um ladrão.

Vivia pod'roso rei
no seu palacio, contente,
em companhia, não sei
se da filha d'um parente—2.

Casou com ella. E da grei,
que regia no Oriente,
lhe veiu o tit'lo que a lei
dá á esposa do regente—2.

Mas a sua infeliz sorte
quiz que fosse até á morte
uma pobre peccadora;

dizendo ser mui feliz
n'um theatro de Paris,
onde é primeira cantora.

Castello Branco. A. MERUJE.

O AMOR E O DINHEIRO

Fazer bem, amar a Deus,
Foi a minha convicção;
E' uma crença, bem sei,
Mas bem poucos a terão—1.

Ensinaram-m'a meus paes
Quando eu era pequenino;
E d'ella tive a certeza
Lá no livro do destino—1.

São diversos os pensares:
Cá na minha opinião,
Quanto maior fôr a terra,
Mais luxo, mais illusão—3.

E' palavra que a todos inebria,
Mas é pena que a não possam achar;
São ditosos aquelles que a tiverem,
E' feliz todo aquelle que a gosar!

XAVIER RODRIGÃO.

CHARADAS TELEGRAPHICAS

(A Guilherme Antonio Villas-Boas)

A's direitas, meu amigo,
Sabe o que deverá achar?
Talvez seja ave palmipede . .
E facil de adivinhar.—2

O peior é que ás avéssas
Muda muito de figura;
Vá ao campo ou ao terreiro,
Que a verá mirrada e dura.—2

A's direitas é de musica
Peça mui sentimental,
Que, apesar de curta e simples,
E', tambem, muito banal.—3

Supprimindo a lettra quinta,
E se ás avéssas me lêr,
Que por um rei fui tomada
A historia o póde dizer.—3

Braga. J. VELLOZO.

LOGOGRIPHOS

(Por lettras)

(Premio a quem primeiro me enviar a decifração:—*O amigo da casa*)

Eu quizera ver o fructo,—5, 4, 7, 2, 3, 4
que nasce do vegetal,—1, 7, 2, 7, 3, 8, 5
para fazer, no arsenal,—9, 2, 4, 5, 8, 3, 5
certa machina guerreira.—6, 9, 3, 6, 7, 4
Mas, no caso que a varina,—6, 9, 2, 7, 3, 8, 5
siga n'esta direcção,—6, 7, 2, 7, 5
tem, por longa duração—6, 3, 6, 7, 2
a chacota galhofeira.—6, 9, 3, 5

Lá vem ella, jubilosa,
A fazer brotar a rosa!

Castello Branco. A. MERUJE.

(A Virgilio de Magalhães, auctor do *Diccionario para charadistas*)

9—10—7—9—5—11— A —5—6—7—4—10—9
5—9—7—9—11— N —7—8—11—1—9
7—9—1—9— I —9—7—11—9
9—2—9— M —1—9—11
3—6—7—9— A —11—10—6—11
9—3—9—1—11— E —1—9—10—9—11
1—8—9—5—9—10— S —5—11—6—10—8—11

Animal,
E' de crer,
O conceito
Deve ser.

A. AMOR DE MELLO.

PROBLEMA

Dois numeros, cuja somma é 70, estão n'uma relação, que se torna inversa, quando se junta 14 a um d'elles, e se tira a mesma quantidade ao outro. Quaes são os numeros?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Cortez—Maria Pia—Chicarola—Falcoaria—Polvorosa—Galagala—Campeão—Caçador.
DAS CHARADAS EM VERSO:—Salmão—Roquete.
DOS LOGOGRIPHOS:—Endocardite—Orca
DO ENIGMA:—A feracidade agrada a todos.

A RIR

Nini e Titina encarecem, cada uma d'ellas, o cabello das suas respectivas mamãs.
—Ora! exclama Nini, a minha mamã tem muito melhor cabello que a tua. Tem tanto, tanto, que a incommoda na cama:—tira-o sempre, antes de se deitar!

*

Entre dois andaluzes:
—Eu, meu caro, possuo um binoculo tão bom, que me permitte vêr passeiar na lua os habitantes d'este planeta.
—Ha melhor do que isso, replicou o outro. Eu, por exemplo, tenho um binoculo que, para onde quer que o dirija, topo sempre com Deus!

*

Calino visita uma bibliotheca publica.
— Que pena, diz-lhe o cicerone, se todos estes thesouros bibliographicos fossem devorados por um incendio!
—Com certeza, responde Calino; mas é de crêr que estejam no seguro!

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA PRESERVAR O FERRO DA FERRUGEM

O seguinte processo é muito usado na Inglaterra para os objectos de aço polido:

Oleo de linhaça fervido	1	litro
Verniz escuro	1	»
Terebenthina	125	gr.
Camphora	45	»

Mistura-se tudo, e derrete-se a banho-maria, mechendo-se com uma colher de pau. Em seguida introduzem-se no liquido os objectos que se pretende preservar, conservando-os ali durante alguns instantes. Depois tiram-se para fóra, lavam-se em agua quente e põem-se a seccar.
Os objectos assim protegidos não se oxidam nunca.

ESTUDOS LITTERARIOS

NICOLAU LENAU

III

Como Corot, nas suas telas, Nicolau Lenau penetrára-se de bucolismo nos seus poemas; surprehendera o campo e identificara-se com elle nos variados aspectos da sua ineffavel serenidade, monotona e calma.

Na originalissima obra de Lenau sobresae, pelo estranho encanto que de todo elle se exhala, o poema *Mischka*, o voluptuoso romance de amor das tsardas hungaras, fremente das canções dos ciganos e dos beijos do noivado, mesclado, a espaços, de funestos presagios que sulcam, como uma revoada de noitibós, a linha azul e oiro da paizagem. Toda a pittoresca existencia dos maggyares apparece-nos ahi, synthetisada em uma pequena tela, de um singular relevo de execução.

Klopkstock e Hœlty foram os poetas que maior influencia exerceram no espirito de Lenau, orientando as suas primeiras tentativas, que não sacrificaram nunca á preoccupação de imitar a natural independencia do processo.

Em casa de Kerner, amigo intimo de Lenau, logo depois de Grün, que foi mais tarde o seu biographo, conheceu o poeta Emma Niendorf.

Emma, dotada de uma sensibilidade excessivamente impressionavel, sentiu-se logo arrastada para esse iniciado da poesia, que lhe apresentavam sob um aspecto prestigioso. Consagrou-lhe, posteriormente, um livro curiosissimo, enriquecido de valiosos documentos: *Lenau in Schwaben*.

«O coração pulsava-me como na espectativa das festas do

Natal, quando desci á sala onde devia encontrar o sr. de Niembsch, (Lenau), escreve a admiradora do poeta. Elle appareceu e eu fitei timidamente a sua bella cabeça, povoada de pensamentos... E' mais baixo do que eu imaginára. E' pallido e sombrio. A paixão e a meditação vincaram-lhe de rugas a fronte nobilissima... Os seus olhos melancolicos, onde fulge a chamma do espirito, descem até ao amago dos corações. Que maravilhoso olhar!... E' um dom magnetico!... Fallou pouco As suas palavras, vagarosamente pronunciadas, recebem da inflexão austriaca um singular encanto.»

A verdade, porém, a verdade idealisada pela enthusiastica admiração de Emma, é que Nicolau Lenau era um homemsinho baixo, magro, pallido, ascetico, com feições angulosas, olhos grandes, palavra arrastada e gesto expressivo e brusco. Alternadamente taciturno, phantastico e nervoso, como uma mulher; capaz de desmaiar se o picasse o espinho de uma rosa; imaginação incerta e varia, que ora subia ás estrellas, ora brincava, puerilmente, com as creanças, ou com os gatos, como Baudelaire; temperamento feito de relampagos e de nuvens; alma predestinada para ser na terra a mais infeliz entre todas as almas mortalmente feridas. Eis o que era o poeta dos *Liebesklange*.

A existencia errante de Lenau levou-o para Baltimore, no meado de outubro de 1832.

O mercantil utilitarismo, a laboriosa actividade commercial da America, afiguraram-se-lhe a tacita negação da concepção mental.

«A America é o verdadeiro paiz da decadencia, escrevia o poeta aos seus amigos ausentes; a America é o crepusculo da humanidade, assim como o Atlantico é o isolador do espirito.»

D'essa especial disposição de espirito nasceram o *Postilhão* e as *Atlanticas*.

Regressando á patria, a fama precedeu-lhe o nome e cubriu-o de gloria. Saiu-lhe ao encontro uma côrte de admiradoras, um cenaculo de mulheres pedantes, no meio das quaes sobresaia o vulto intelligente e discreto de Emma Niendorf.

IV

Em Pesth, os maggyares passam, repetidas vezes, a noite inteira nos cafés, ouvindo cantar as tsiganas. Assentados defronte de uma garrafa do bom vinho hungaro, que scintilla na sua loira transparencia, embebedam-se, simultaneamente, com as trovas do paiz natal e com os vapores alcoolicos. A musica bohemia, essa musica aspera e voluptuosa, afogada em caudais de sonoridade, em insondaveis abismos de melancolia, cortada, a espaços, pelos estridentes silvos dos clarins e pela argentina guizalhada das panderetas, paira no ambiente, aquece-o, espiritualisa-o e transmitte a sua embriagadora exaltação ao cerebro d'esses Falstaffs do Danubio, d'esses infatigaveis bebedores, rubros, expansivos e loiros como os nedios hollandezes de Van Ostade.

«As gotas de vinho teem vibrações,
Os olhares das mulheres cantam!»

Como diz Lenau.

A bandeja das tziganas voa de mão em mão, a prata, o oiro e as joias chovem de todos os lados. A musica prosegue no seu crescendo impetuoso; o delirio apodera-se de todos os ouvintes, explue, como uma faisca electrica, de todos os olhos; a cidade em peso dança, grita, ri e chora, em uma bacchanal fantastica, em uma orgia infrene.

A vertiginosa e allucinadora trova das tsardas enrosca nas suas ondulantes caricias lubricas os bebedores, transfigura-os, enlouquece-os, arrasta-os, palpitantes; devora-os e sustenta-os, como o tabaco alimenta os ciganos, como o opio sustenta os orientaes, como o sol alimenta a indolente preguiça dos *lazzaronis*; é uma febre, uma excitação demoniaca, uma loucura desvairadora, que só termina quando os maggyares saiem da taberna com a cabeça em fogo e a algibeira vasia.

A existencia do poeta cuja original physionomia procuro em vão esboçar n'este incompleto estudo, tem grandes affinidades com essa tumultuosa embriaguez: impetos apaixonados, tristezas nostalgicas, visões hypocondriacas, realidades pungentes, exaltação, desejos insofridos, despenhando-se, como um oceano encapellado, no vortice da loucura.

O *eterno feminino*, que desde os mythologicos amores de Orpheu e Eurydice, até á prosa naturalista das *Nanas*, ha de sempre exercer no mundo o seu despotico ascendente, segredou um dia ao ouvido de Lenau a palavra mysteriosa e irresistivelmente seductora que a bocca vermelha e fresca de Eva murmurou ao ouvido de Adão.

Nicolau Lenau tinha de pagar o tributo imposto pela natureza á fragil argilla humana, e pagou-o a preço do seu repouso.

O poeta, subtraindo-se, temporariamente, ás suggestões da vida errante, demorou-se em Suabia cerca de um anno. O aspecto risonho da paizagem, a doce intimidade da familia Kerner, aqueceram-lhe o enregelado coração. O seu entristecido olhar illuminou-se, os seus labios contraidos sorriram ao apertar pela vez primeira a mão da juvenil artista, que os seus amigos lhe pediam que desposasse.

O jubilo de Kerner não conhecia limites Lenau parecia tambem reconciliado com a felicidade e deixava que os seus amigos contruissem no vacuo os castellos phantasticos, que a fatalidade não tardaria em derrubar.

«Amo verdadeiramente esta menina, escrevia Nicolau a um amigo, em 1832; todavia, o que em mim predomina é a tristeza; o amor punge-me como um cilicio!»

Uma viagem, rapidamente delineada e logo em seguida emprehendida, desatou de subito o laço que parecia dever ser indissoluvel.

Emma Niendorf substituiu essa fugitiva imagem, vaporosa e intangivel como as visões dos sonhos.

Mas uma tal affeição, tranquilla e platonica como os castos amores de S. Francisco de Salles e Maria de Chanttal, rhetorica e metaphisica como os devaneios de Victoria Colonna e Miguel Angelo, não podia prender nos seus frageis laços a insaciavel e fogosa alma do poeta. Ella necessitava de um amor immenso, sobrehumano, que a arrebatasse nas suas azas de luz para os inaccessiveis céos, embora a despenhasse depois no tumultuoso cahos.

Um amor similhante ao de Byron e Shelley, incandescente como a lava dos vulcões, terrivel como a maldição dos reprobos!

Esse tragico amor que orphanou duas innocentes creanças e maculou um lar, até então honrado e feliz, foi talvez a primeira e a unica paixão de Lenau.

No livro a que já me referi, *Lenau in Schwaben*, Emma supprime delicadamente o nome da infeliz que o inspirou, e só a furto, e como que cedendo á pressão dos acontecimentos, ergue uma ponta do véu que esconde esse doloroso drama.

Anastacio Grün, menos discreto, escreveu o nome da amante de Lenau, Sophia ***, descrevendo-a como uma fina e vibratil organisação, superiormente dotada.

Nicolau Lenau conheceu Sophia por intervenção do marido, seu intimo amigo: allucinado pela violencia da paixão contrariada, arrastado pela funesta estrella que presidira ao seu nascimento, arrancou-lh'a dos braços e do berço dos filhos.

Esses amores que tão largo ascendente exerceram sobre a existencia do poeta, inspiraram a admiravel collecção de poemas conhecidos sob a epigraphe de *Liebesklange, (No Rheno)*.

Intraduziveis, como os *Lieder* de Heine, apparentemente tão singelos, mas de uma tão resistente difficuldade para quantos intentam arrancar-lhe o segredo da forma, os versos de Nicolau Lenau são as esphinges da poesia hungara, guardando no seu nebuloso nimbo, atravez dos annos e das evoluções litterarias, a mesma estranha belleza incomprehendida.

O Rheno, nas aguas do qual miram a fronte severa e melancolica os legendarios castellos emplumados de nuvens, foi o thalamo dos dois amantes.

No poema *Desejo*, Nicolau e Sophia vogam em pleno rio. As ondas bordadas de argentea espuma fustigam o barco, o vento ruge, o horisonte vela-se em densas brumas; porém, acima dos elementos que se revoltam, contemplam elles o paraiso que se descerra.

N'essas estrophes que se esquivam ao imperio da rima, melodiosas e rythmicas como a ondulação das vagas, interrompidas a espaços por um verso de quatro syllabas, ardente e rapido como um beijo, cada palavra é uma inebriante caricia. São simultaneamente grandes e simples como as maravilhosas symphonias de Beethoven.

Reproduzo aqui a traducção franceza do poema *Kommen und Scheiden*, embora não seja ella senão um pallido reflexo da formosura do original:

Sitôt qu'elle arrivait, je sentais une joie
Comme au retour de mai, quand la forêt verdoie.

Elle parlait, mon cœur s'enivrait de sa voix,
Comme du premier chant du printemps dans les bois.

Et, quand elle partai, c'était une tristesse,
Comme si j'avais vu s'envoler ma jeunesse.

V

Os capitosos jubilos d'esse criminoso amor apagaram-se depressa, como o brilho de um fugaz meteoro.

A sociedade com as suas leis imprescindiveis, a opinião publica com a sua implacavel logica, acordaram o poeta do enlevo em que elle se absorvera inconsciente dos deveres que ultrajara.

Invadiu-o então uma saudade lancinante das santas alegrias, dos puros gosos da sua infancia; a nostalgia da familia, do casto e pacifico lar, para onde o attraira a noiva repudiada, esphacelou-o nas puas do remorso. A melancolia de Lenau attingiu o periodo agudo da misantropia. Evitava os amigos, viajava ao acaso, sem destino, correndo sempre e fugindo de si proprio, como o legendario Ashaverus.

Sophia não deixara de ser a musa dos seus apaixonados cultos, mas começara tambem a ser a imagem visivel do seu cruciante remorso.

A morte do conde Alexandre de Wurtemberg, que Lenau amava ternamente, causou-lhe uma dôr profunda.

A saude do poeta alterou-se, o seu organismo, accessivel a crises nervosas, vibrou como um fragil instrumento ferido pelos dedos de um titan.

Percorrendo um dia as ruas do Stuttgart, o seu olhar deteve-se, automaticamente, na porta de uma casa abandonada, onde se lia: —*Linquenda*. Desde então não cessava de repetir, com expressão desolante:—*Linquenda! Linquenda!*

Os pensamentos do poeta immergiam lentamente no truculento barathro da desesperação; os seus versos encerravam, como os versos de Byron, gritos de revolta, gemidos convulsivos, protestos indignados, exprobações violentas.

VI

No mez de julho de 1844 Lenau partiu para Bade, acompanhado de uma familia de Stuttargt. Testemunhara elle o desejo de consagrar aos amigos enfermos a sua inutil ociosidade. Mas o desiquilibrio, a desordem, a versatilidade organica do seu cerebro, atraiçoaram-lhe mais uma vez os bons desejos. Apenas chegou a Bade esqueceu a promessa que fizera.

A esposa do doente escrevia, pouco depois, á sr.ª Niendorf:

«Estamos sós e abandonados; o amigo Niembsch fugiu-nos. Bade absorve-o em tanta maneira, que mesmo quando apparece em nossa casa, o que raro succede, mostra-se distrahido e demora-se tão pouco, que a sua presença entristece-nos mais do que nos alegra.»

Não eram as distracções da *villegiatura*, nem as tentações da roleta, que encadeavam o poeta. A sua descaroavel ingratidão explicava-se pelo motivo mais extraordinario e menos verosimil:—Lenau ia casar-se!

Foi o romancista Berthold Auerbach que communicou essa inesperada noticia aos amigos do poeta.

«—Niembsch, disse elle, está apaixonado. Se não se realisar o projectado casamento, não sei o que succederá. Confiou-me tudo... O que se me afigurou verdadeiramente singular é que aquelle homem, tão prodigiosamente dotado, que dispõe de todos os thesouros da eloquencia, não achasse, para descrever o amor que o devora, senão estas simples palavras: «*Bruder, das is a Madel!*» (Que mulher, meu amigo!). Os labios tremiam-lhe, mal podendo soffrear a violencia dos sentimentos que se lhe debatiam no peito; mas as palavras eram sempre as mesmas: «*Aber, das is a Madel.*» E' bem certo que as paixões são singelas como a natureza de que proveem. Um aldeão do Bosque Negro teria dito o mesmo: «*Das is a Madel*» (*)

A noiva de Lenau chamava-se Maria, com o a heroina do seu poema *Fausto*. Era natural de Francfort.

«Descende da pura raça germanica,—escrevia Lenau,—possue a graça suave e a casta pureza das madonas.»

Nicolau amou-a perdidamente, com todo o exaltado arrebatamento da sua alma: rejuvenesceu, cuidava da toilette e todas as noites passeiava triumphantemente a sua felicidade no perystilo da *Conversação*, por entre a scintillação das luzes, as harmonias da orchestra e os perfumes dos laranjaes em flor.

A obscura escolhida do seu coração, cuja austera mocidade fora exclusivamente votada á missão de enfermeira do pae agonisante, caminhava, deslumbrada, para esse radioso futuro, para esse amor glorioso como um diadema de imperatriz.

Nicolau não comia, não dormia, fallava só e cambaleava na rua, como um ebrio. A' febre da alegria, succedera a febre do soffrimento. O poeta fechava-se no quarto e perdia as noites a tocar violoncello; pelas cordas do instrumento passavam, como brancos phantasmas soluçantes, as mysteriosas visões que lhe povoavam o cerebro doente; cada arcada abria um sulco de lagrimas... O inimitavel artista tinha um auditorio enthusiastico; reuniam-se todas as noites debaixo das janellas de Lenau grupos numerosos que escutavam, maravilhados, essa estranha musica apaixonada e allucinadora. Ao amanhecer, a exaltação do poeta exacerbava-se, os nervos distendidos fustigavam-o como os latejos de um cilicio.

Sentindo, aterrado, a possibilidade de ver frustrar-se a ditosa união que lhe sorria como um divino sonho rehabilitador; respeitando os laços que o prendiam á mulher que lhe dedicára doze annos da sua vida, sacrificando-lhe a consciencia e a reputação, Lenau resolveu procurar Sofia e confessar-lhe a verdade. Depois de celebrar um contracto com o seu editor, o barão Cotta, que lhe estipulou, em troca da cedencia de todas as suas obras, uma somma de vinte mil florins, o poeta partiu para Vienna.

EM EXTASE

A entrevista de Sofia e Lenau foi despedaçadora.

—Um de nós ha-de forçosamente enlouquecer, exclamou a infeliz abandonada, longe de prever o alcance da sua lugubre prophecia.

No dia 15 de setembro de 1844 Lenau deixou Vienna e seguiu pelo Danubio, em viagem cortada de funestos presagios, até desembarcar em Stuttgart.

Oito dias antes do praso fixado para o casamento, Nicolau cahiu prostrado por um ataque de paralysia parcial. Tentou luctar, ergueu-se como que galvanisado pelo appello da vontade, leu, com impetos de admiração convulsiva, o novo volume dos *Lieder* de Heine, que acabava de sahir a publico, acariciou ainda, com as mãos tremulas e descarnadas, os loiros cabellos da sua estremecida noiva...

Mas tres dias depois, no momento em que Emma Niendorf, a ideal amiga do poeta, subia a escada de Lenau, Reinbeck sahiu-lhe ao encontro e disse-lhe: — Desgraça irreparavel! Niembsch endoideceu!

A loucura explodira em um paroxismo medonho. Quatro homens não conseguiam subjugal-o. A 22 de outubro o hospital dos alienados fechava as suas portas, geladas e pavorosas como a lousa dos tumulos, sobre o grande poeta viennense.

N'essa mesma noite subia á scena no theatro de Stuttgart o conhecido drama de Scribe, *Une chaine*, que é a historia dos romanescos amores de Lenau e Sofia.

A fatal estrella do poeta infiltrava ainda a sua luz funerea por entre os ferros da masmorra. No limiar do asylo-sepultura, onde o desgraçado se debatia, deveriam ter escripto a palavra que tão vivamente o impressionára:—*Linquenda*, supremo adeus ao amor, á felicidade, á gloria, á patria.

Linquenda! Linquenda!

Depois de Gœthe, Heine e Lenau, a poesia allemã permaneceu silenciosa, como que ferida no coração.

O Danubio enrola e desenrola as suas crystalinas ondas, os *vergiss mein nicht* desfolham aos pés dos namorados as suas pequeninas petalas côr do ceu; a trova hungara resoa ao longo da campina esmaltada de flores; mas os rouxinoes emmudeceram, e em vez dos *Intermezzos* de Heine e dos *Liebesklange* de Lenau, reboa pelas quebradas das montanhas a voz trovejante e ameaçadora dos krupps de Bismarck.

GUIOMAR TORREZÃO.

(*) Emma Niendorf: *Lenau in Shwaben*.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA 35, LISBOA